

Tecendo a história com palavras dançantes: uma resenha do livro “A duração da Dor” de Ida Mara Freire

Weaving the story with dancing words: a review of Ida Mara Freire's book “The Duration of Pain”

Tejiendo la historia con palabras de baile: una revisión del libro de Ida Mara Freire "La duración del dolor"

Ariana Sousa de Moraes Sarmento - Universidade Federal de Santa Catarina | Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE-UFSC, na linha de Educação e Comunicação | Florianópolis | SC | Brasil. E-mail: arianamsarmento@gmail.com 

FREIRE, Ida Mara. **A duração da dor**. Florianópolis: Potlach, 2018. Série Dança e Perdão.

Ida Mara Freire é pedagoga e especialista em Dança. De acordo com informações fornecidas pela própria autora, no seu mestrado pesquisou a interação mãe-criança, enquanto seu doutorado identificou a dança no corpo de quem não vê, em seus estudos pós-doutorais, na Inglaterra e na África do Sul, dançou a diferença e o perdão. Atualmente, além de dedicar-se a escrever e encorajar pessoas na dança da vida, ela é diretora do Potlach Editora e Atêlie de Arte Contemplativa.

O livro e conto “A duração da dor” faz parte da série “Dança e perdão”, que nasce a partir dos relatos e histórias que a autora se deparou durante seu período de Pós-Doutorado na África do Sul. Para situar o leitor a respeito desse percurso até o pós-doutorado, a autora dá pistas sobre alguns movimentos em sua vida que têm relação com os caminhos que escolheu prosseguir. Um deles diz respeito à sua infância, ela conta que, na década de setenta, mesmo distante, já se identificava ao ver notícias dos conflitos e mortes de meninas na África do Sul. A violência aos corpos negros a assombram até hoje. Ver e deparar-se com a dança *Toyí-toyí* a chocou pelos movimentos e passos destemidos dos estudantes diante da possível morte. *Toyí-Toyí* é um tipo de dança que, de acordo com Dias (2012, p. 100) “ficou conhecido na África do Sul como parte

• Recebido em 23 de agosto de 2019 • Aprovado em 02 de outubro de 2019 • e-ISSN: 2177-5796

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

integrante do movimento de resistência ao *Apartheid* – regime de segregação racial legalmente imposto naquele país entre 1948 e 1990”.

Essas lembranças e memórias que a constituem e seu envolvimento com a dança provocaram Ida M. Freire a buscar o Pós-Doutorado na área de dança na *University of Cape Town*, em 2011-2012. Durante esse período, a autora acompanhou a vida de estudantes e dançarinos que por ali estavam em ensaios, aulas, estudos, pesquisas e apresentações. Depois de uma longa temporada de imersão, Ida M. Freire convidou dançarinos de diferentes modalidades e líderes espirituais de religiões distintas para falarem de suas experiências com “o *Toyito-toyi*, o perdão, o silêncio, a criança como metáforas da esperança”, nas palavras da própria autora.

A partir desses encontros a autora se viu repleta de depoimentos, relatos e histórias que se tornaram nutridores de uma iniciação no percurso literário. Nesses encontros, a **reconciliação** e o **perdão** apareceram como possibilidade para a superação às dores resultantes das lutas cotidianas contra o racismo, violência e opressão. Duas palavras fortes, cheias de presença. Como oferecê-las ou compartilhá-las com outras pessoas, de modo a provocar que essas pessoas sintam as histórias nelas impregnadas reverberarem em seus corpos? Foi assim que eu senti esse primeiro volume da série esboçando seu primeiro passo. Convidando o leitor e leitora para uma jornada criativa, como a autora chama, acerca das possibilidades do perdão.

A composição estética do livro, cada texto e imagem escolhida delicadamente fazem o convite a adentrar nos aposentos da casa de Sharmila, onde se passa a história, em alguma cidade da África do Sul. A súplica e desespero de Indra Kamil, primo de Sharmila preencheram meus ouvidos já no início da narrativa. O pedido de socorro, que permanece como fio condutor da narrativa, continuou ecoando durante algum tempo. Ao virar a página, a seda do xale com franjas longas tocou meus dedos, que, em algum momento, pareceram avermelhar-se também enquanto o jasmim exalava, sem dor, sua inconfundível fragrância.

Do início ao fim, seu texto dança. As palavras percorrem um caminho por entre memórias, lutas, gestos, suspiros e perfumes. “O que se põe a ver é a vida com seus desafios, que simultaneamente oferece a cada ser atitudes criativas e contemplativas no corpo” (p. 8). O enredo ganha corporeidade ao longo da trama, na qual a autora arrisca-se, em suas próprias palavras, a ficcionar poeticamente a dura realidade do *Apartheid*. A cada passo do texto vê-se movimentos distintos que buscam a reconciliação, reconciliação consigo e com outro. Tatear o perdão e silenciar a dor. “Para uns, o perdão se configura como o primeiro passo para se reconciliar

consigo mesmo. Para outros, o perdão se apresenta como a possibilidade de assumir um compromisso com o ser no mundo” (p. 7).

O silêncio se faz presente ao mesmo tempo em que o conflito e a turbulência habitam o corpo de Sharmila. A culpa, a perda e a dor parecem preencher cada espaço intertecdual de sua pessoa. O respirar está pesado. O deslocar, erguer os pés, dançar as mãos está pesado. Porém, em uma fagulha, iluminada por um pequeno feixe de luz a dança apresenta-se como um gesto terno, uma possibilidade de cura, conforto e cuidado.

Figura 1 – Poesia que descreve um dos gestos de Sharmila

Até ali,	não resulta	de lidar
não tinha	apenas de	com a
se dado	sustentar	ausência
conta	o peso do	do corpo
de que o	próprio	de
equilíbrio	corpo, mas	outrem.
	também	

Fonte: FREIRE, Ida Mara. **A duração da dor**. Florianópolis: Potlach, 2018. p. 23.

Ao narrar a história de Sharmila, Ida Mara Freire descreve a dor que gruda nos passos e torna o caminhar arrastado. Dor que se mistura, “não sabe ser de si mesma ou de outro alguém” (p. 27). E relembra eventos históricos como o Massacre Cavalos de Tróia que ocorreu em 15 de outubro de 1985, quando policiais, nos arredores da Cidade do Cabo – África do Sul, se esconderam dentro de caixas de madeira carregadas nas traseiras de um caminhão não identificado e levantaram-se, atirando contra uma manifestação antiapartheid, matando jovens e crianças.

As atualidades da dor e dos eventos históricos se mesclam a narrativa existencial de Sharmila, que dança. Dança o tempo todo. O texto transparece sua rigidez, desequilíbrio e dureza nos momentos difíceis e sua leveza, fluidez e sinuosidade nos momentos de vivacidade e harmonia. “Em Tribhanga, molda seu corpo em S, realiza movimentos sinuosos precisamente demarcando a sua palpável solidão” (p. 34). As orações e conexão de Sharmila com sua espiritualidade e ancestralidade, assim como com a dança indiana Odissi, aparecem como um

caminho que acende e resplandece sua luz “Uma lamparina, velha amiga, é quem traz clareza para o interior onde aninha-se a confusão” (p. 35).

Confronto, união, paz, tensão e medo são palavras presentes na vida de Sharmila. “Hoje aqui está, amanhã já não sabe” (p. 42). Sensações que parecem prolongar seu estado de permanência, na infância já apareciam cotidianamente e mesmo, dez anos depois, ainda vivem em seu corpo.

[...] Ela e seu primo são como palitos de fósforos, com missões de vida diminutas, de pouca aparência, sentidos inexpressivos. Defronta-se com a duração dos pequenos gestos. Que faz o tempo na criação de sentido e sua vida? Como o tempo transpassado pelos ventos de violência encontra habitação na sua corporeidade? (p. 47).

“Reconstrução, resiliência, resistência, esperança e riso.” Viver na África do Sul, *pós-apartheid* é por em prática diária a filosofia “*ubuntu*”, que inspira a integridade e a inteligência de desenvolver seu poder: o poder de cheirar a chuva, de ler as estrelas, de andar de mãos dadas” (p. 57). Gestos que dançam e auxiliam a esvaziar a dor do corpo e o aproximam das canções que anunciam a possibilidade de um outro viver. “Há uma duração para dor ou há muitas?”. Pergunta-se Sharmila e me pergunto eu, ao terminar este livro.

Quantos corpos negros, crianças, mulheres, homens, no Brasil, na África do Sul, ou em outros lugares no mundo caminham pesados, recobertos por dores fruto de traumas diários e violências cotidianas vinculadas ao racismo estrutural e políticas segregacionistas? Quantas mortes e massacres são e foram silenciados ao longo da nossa história? Eu nunca tinha ouvido falar sobre o massacre “cavalo de tróia” que ocorreu na África do Sul, até me deparar com este incrível conto. Ao pesquisar na internet e outras ferramentas de busca, tive muita dificuldade para encontrar alguma informação a respeito. Precisei pesquisar com cuidado, olhar em outras fontes para encontrar rastros do acontecido. Apesar de ser bem provável que os rastros desse e de outros massacres estejam bem explicitados nos movimentos, na arquitetura, nas palavras das pessoas dessa região, assim como na vida de Sharmila.

É arrebatador como Ida Mara Freire nos faz pensar no tempo oblíquo e subjetivo, na duração da dor e na narrativa existencial de cada uma e cada um que vivenciou fatos como esses. Assim como nos mostra caminhos, que a criativa esperança possibilita para a busca do perdão e da reconciliação. Como comenta Rolando Toro (2005, p. 13), “A dança, assim como o canto e o grito, é uma das condições inatas do ser humano. O primeiro conhecimento do mundo, anterior à

palavra, é aquele que chega a cada um de nós por meio do movimento”. Nesse caso, é incrível poder valorizar o poder da dança, gesto pleno de sentido, e a conexão com a ancestralidade de cada povo como movimento de vida, de intimidade e expressão.

A narrativa ficcional “A duração da dor” ressalta esse poder, dançando com as palavras. A sensibilidade do texto, a cuidadosa escolha de cada palavra nos transporta para as angústias e alegrias vividas pelas personagens. Em tempos de desvalorização, subalternização dos povos tradicionais e da cultura popular, hierarquização e engrandecimento das culturas de massa, leituras como essa são um ótimo caminho para nos provocar a olhar para o impacto que a escravidão, o *Apartheid* na África, a colonização no Brasil e os regimes racistas patriarcais tiveram e têm nas mulheres, homens, crianças, jovens vítimas desses processos históricos e estruturantes da sociedade.

Durante a leitura do livro lembrei-me também de um artigo de Jurema Werneck (2010), no qual a mesma ressalta as diferentes formas organizativas de mulheres negras, ações de resistência à escravidão, ao longo da história do Brasil. Tanto ações cotidianas, quanto de revoltas, impregnadas por diferentes repertórios identitários, a tradição *ioruba*, as tradições de origem nos povos *bantus* entre outros exemplos. Em seu texto, Werneck busca reconstruir as histórias das mulheres negras no Brasil a partir de suas ancestralidades e sua atuação protagônica, respeitando “a diversidade de temporalidades, visões de mundo, experiências, formas de representação, que são constitutivas do modo como são apresentadas e vistas ao longo dos séculos da experiência diaspórica ocidental” (p. 10), questionando estudos que partem de uma visão das mulheres negras a partir da dominação ocidental eurocêntrica.

Percebo que, ao ler o livro de Ida Mara Freire, me senti aproximada das ações cotidianas, dilemas e aflições de uma mulher que, a partir do resgate de sua ancestralidade, da sensibilidade presente na dança e de sua história de vida, busca os caminhos para recuperar a leveza em seu viver. A literatura, nesse sentido, pode ser uma rica possibilidade de aproximação com diferentes agentes históricos e políticos, assim como com diversas tradições culturais e formas de resistência e sobrevivência em uma sociedade racista e desigual. Recomendo a leitura e fico no aguardo dos próximos livros da série.

SARMENTO, Ariana Sousa de Moraes. Tecendo a história com palavras dançantes: uma resenha do livro “A duração da Dor” de Ida Mara Freire.

Referências

DIAS, Juliana Braz. Dança e conflito: uma reflexão sobre o toyi-toyi sul-africano. **Antropolítica**, Niterói, n. 33, p. 99-117, jul./dez. 2012.

FREIRE, Ida Mara. **A duração da dor**. Florianópolis: Potlach, 2018. Série Dança e Perdão.

TORO, Rolando. **Biodanza**. 2. ed. São Paulo: Olavobrás/EPB, 2005.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 07-17, jun. 2010.